

04-08-2021

OURO DE TOLO

Bruno Chapadeiro

[Professor do PPG em Psicologia da Saúde – UMESP]

A declaração “*Não somos apenas atletas. Somos pessoas, afinal de contas, às vezes é preciso dar um passo atrás*” da rainha da ginástica artística estadunidense, Simone Biles, dada à mídia em plena Olimpíadas de Verão de Tóquio 2020, comunicando sua desistência da competição, endossada por nossa prateada ginasta brasuca, Rebeca Andrade (que pôs a favela para dar um baile no mundo), ao dizer “*As pessoas precisam entender que o atleta não é um robô*”, voltaram os olhares do mundo à importância da questão da saúde mental também na elite da alta performance. As versões contemporâneas e femininas de Tommie Smith e John Carlos ganharam diversos apoios da classe olímpica, entre eles, do multimetalista da natação norte-americana Michael Phelps: “*É ok não estar ok*” e da skatista brasileira Karen Jonz: “*Esporte de alto rendimento é o oposto de saúde*”. As Olimpíadas de Verão de Tóquio 2020, adiadas e realizadas neste 2021, por ocasião da pandemia covid-19, por descuido ou grossa ironia, permaneceram de toda forma sendo concretizadas sob a égide deste tempo histórico de emergência sanitária mundial. Como de costume, quem paga a conta são os/as trabalhadores(as). Houve discrepâncias entre as regras de testagem adotadas para atletas e para os que foram credenciados a trabalhar nos Jogos.

Enquanto competidores e membros das delegações são examinados diariamente, funcionários e servidores do comitê organizador são testados apenas a cada sete dias.

Resultado: até o fim de julho/21 já são 241 casos ligados às Olimpíadas, 23 casos de atletas e 26 casos dentro da Vila Olímpica. O receio fez com que alguns desistissem do evento. Mas a maioria ainda permaneceu, afinal, os atrativos salários que partem de US\$ 2.500 (R\$ 13 mil) os fizeram ficar. A expressão sintetizada pelo Movimento Operário Italiano – MOI, “*A saúde não se vende, nem se delega, se defende*” tem lá seu preço no capitalismo pós-fordista. Podemos pensar os altos salários, os bons cargos, as regalias, a fama etc. dos esportes, das artes e do mundo do trabalho num geral, como o “Ouro de Tolo” da gestão capitalista. Já dizia o saudoso cantor e compositor Raul Seixas em letra de música homônima: “*Eu devia estar contente porque eu tenho um emprego, sou um dito cidadão respeitável, e ganho quatro mil cruzeiros por mês*”.

O que se obscurece ante os altos salários e as liadas benesses é a própria organização e as condições do trabalho.

No fundo, não importa tanto o quanto se ganha e as mordomias adjacentes como mostramos, por exemplo, no trabalho de magistrados (Alves, Heloani e Chapadeiro, no prelo), a cultura gestonária do alto desempenho no mundo do trabalho, importada da filosofia dos esportes inclusive, cobra seu preço.

E muito mais caro que o valor em ouro. Paga-se com a saúde. O gerenciamento de si faz-nos introjetar à subjetividade as metas e as pressões por resultados naturalizando-as como se surgissem por geração espontânea. Visa-se atingir alto desempenho enquanto uma demonstração de autonomia recompensada pela promessa de sucesso, felicidade e realização pessoal, obscurecendo que, na verdade, é impossível sermos todos excelentes.

No capitalismo, a máxima “o sol é para todos” é uma falácia. É curioso que a aurora de tais questões urja justamente nos Jogos que ocorrem na terra do sol nascente. Ao escrever “*Toyota seisan hōshiki*” (título original em japonês do livro “O Sistema Toyota de Produção”), Taiichi Ohno expõe menos um manual técnico de engenharia de produção, e mais um livro de divulgação da filosofia por detrás do sistema que criou. Recorre muitas vezes às relações da produção com o estilo da cultura japonesa, como por exemplo, analogias entre o trabalho e os esportes competitivos que são deveras sugestivas, tendo em vista que expõem uma dimensão essencial do toyotismo: mobilizar a subjetividade, isto é, corpo e mente. Diz ele:

“Acho que o mais importante ponto em comum entre os esportes e o trabalho é a contínua necessidade de praticar e treinar. É fácil compreender a teoria com a mente; o problema é lembrá-lo com o corpo. A meta é conhecer e fazer instintivamente. Ter o espírito para aguentar o treinamento constitui o primeiro passo na estrada que leva à vitória (Ohno, 1997).

Nos esportes como/enquanto no/um trabalho, compete-se pelos lugares como se todos pudessem ser o número um. Esquece-se que a própria etimologia da palavra excelência comporta intrinsecamente a exclusão daqueles que não atingem determinados requisitos.

O culto da qualidade enquanto excelência estimula, portanto, a competição generalizada, o individualismo.

Diferente, por exemplo, das experiências históricas ocorridas até meados do séc. XX, da organização dos trabalhadores que se articulou em torno de jogos e movimentos olímpicos autônomos sob a insígnia da Internacional, tais como, a Olimpíada dos Trabalhadores ocorrida em Viena em 1931 organizada pela *Socialist Workers’ Sports International – SASI* e as Olimpíadas Populares catalãs (esmagada pelo nazi-fascismo), cujo sentido era produzir seus próprios jogos olímpicos, distantes dos ideais burgueses das Olimpíadas como as conhecemos. Inclusive, as primeiras a serem pensadas incluindo exilados e mulheres, até então, preteridos das competições oficiais. Os participantes eram financiados por sindicatos e vaquinhas e os atletas acomodavam-se nas casas de família da classe trabalhadora, em prédios públicos ou em acampamentos.

O próprio futebol, esporte patrimônio cultural brasileiro, nos mostra, em sua forma atual, o quanto se distancia cada vez mais de suas raízes de solidariedade proletárias.

continua

<p>Os dizeres advindos daquelas que são tidas como o mais alto grau de desempenho, performance e perfeição são manifestas expressões atualizadas do “<i>Não sois máquina, homens é que sois</i>” do inesquecível Adenoid Hynkel, personagem do genial Charles Chaplin. Somos espectadores da espetacularização em torno da romantização do sofrimento da árdua jornada até o Olimpo. Naturaliza-se a dupla jornada que combina treinos pesados, privações, dores crônicas, exigências e solidão, com estudos e trabalhos (in)formais para se ganhar o que sustenta a face atlética, uma vez que as verbas para o esporte, para o apoio de ida às Olimpíadas e as bolsas-atleta sofrem constantes cortes, sem falar na supressão do Ministério do Esporte.</p> <p>Dos nossos 309 atletas olímpicos, 42% foram para Tóquio sem nenhum patrocínio, 19% vivem com menos de R\$ 2 mil de auxílio, 7% vivem com menos de R\$ 1 mil de auxílio, 13% fizeram vaquinha para ir aos Jogos, 10% sequer vivem do esporte que praticam, sendo 15% destes, motoristas de aplicativos.</p> <p>Sem recursos, fazem seus milagres.</p>	<p>A laureada com a medalha de prata olímpica, a skatista Rayssa Leal, nos lembra que o Esporte, bem como o Trabalho, deveriam ser, em suas formas livres e não alienadas, da ordem do brincar, do lúdico, da teleologia essencial e de suma importância ao desenvolvimento humano-subjetivo e sua sociabilidade. Além claro, de satisfazerem as necessidades do estômago por si. Ela nos lembra que a fantasia, acreditar em sonhos (e porque não em fadas), são as coisas que dão sentido à existência humana. Nós, os únicos animais capazes de simbolizar. Nada mais salutar física e mentalmente, que isso. Mas optamos por viver e transformar tudo em útil, produtivo, vantajoso, rentável, negócio... do grego, <i>neg-ócio</i>, negar o ócio. E ócio é coisa de vagabundo, como o são os skatistas, marchadores, ginastas etc. todos aqueles que a cada quadriênio descobrimos que existem e projetamos a excelência da qual somos frustrados, pois também nos falta. Que o passo atrás de Simone Biles nos (e)leve dois à frente, afinal, o Esporte tem a missão de nos elevar o espírito, enfrentar nossos (pan)demônios, como nos mostrou Jesse Owens.</p> <p>Enquanto sociedade, estamos precisando.</p> <p style="text-align: center;">■ ■ ■</p>
<p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p>	